

São Tomé ao sabor do vento



A ilha de São Tomé cativa pela exuberância da paisagem natural, mas também pela população de sorriso fácil que se vai encontrando pelo caminho, quase sempre percorrido ao solavanco. **Ana Cristina Pereira** deixa aqui algumas impressões, quase em jeito de notas de viagem. As fotografias são de **Hugo Delgado** (arquivo).

Primeiras impressões

▶ O miúdo não tira os auscultadores dos ouvidos. Um turista que abalou na véspera ofereceu-lhe um pequeno rádio em tons de azul. E Eliseu está deliciado com o aparelho. Mesmo de orelhas tomadas pela maravilha das ondas hertzianas, trata de “vender” a sua ilha: São Tomé.

São Tomé “é muito, muito, natural”. Eliseu, camisola do Benfica uns números acima, fala do que sabe. O pai trabalha num jardim botânico. “Sabe tudo” sobre begónias gigantes, orquídeas várias e árvores com nomes incriveis, como a milícia, a excelsa, a *albizzia* ou a *erythrina*. E o filho está a aprender tudo para mostrar aos turistas em troca de “sobrevivência”.

É um vulgar sábado de Fevereiro de 2006 (um dos meses mais quentes do ano e um dos mais chu-vosos). Debaixo de um sol inclemente, o rapaz vai apontando detalhes do dia-a-dia da cidade de São Tomé, inclusive os repelentes. “Proibido defecar na ponte”, informam umas letras pintadas no chão a branco. Uns passos cumpridos sobre o pontão, o odor ganha intensidade.

A vida palpita na cidade. Os barcos atracam na baía e deles saem homens com fartura. Na marginal, multiplicam-se os vendedores de peixe. Há garoupa, peixe-fumo, peixe-vermelho, peixe-voador, peixe-agulha, badejo, atum, cherne, andala, “concons” com carranca de dinossauro... Mas também há quem estenda legumes, frutas, sabão, pequenos nadas.

Perto da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, um punhado de jovens tenta o negócio do câmbio de euros e de dólares americanos, um outro oferece

artesanato, framboesas, cocos, rosas de porcelana (a flor nacional). Junto ao anárquico mercado (que já foi amarelo e azul e agora é qualquer coisa mais ou menos parecida com isso), gestos avulsos, mulheres semiadormecidas. Na bomba de gasolina, um cartaz promete uma “festa com milagres, curas divinas”.

“Um sítio com frescura”

Pára um táxi que ninguém chamou. Um casal oferece boleia até um “sítio com frescura”. O sítio com frescura é o restaurante Al Garb, situado em pleno Campo de Milho, “a zona do dinheiro do povo”, com grandes vivendas e sem arruamentos, saneamento ou iluminação pública. O dono, José Domingos, atende os poucos clientes com uma singular *t-shirt*: “A vida não é uma droga”.

Apesar da *t-shirt*, o dia corre mal. “Estou saturado, falta tudo”, barafusta, atrás do balcão, o homem de rabo-de-cavalo escorrido. Nasceu em Angola, viveu largos anos em Portugal. Houve uma mulher que o convidou para vir para São Tomé – “dar os primeiros passos no restaurante dela”. Veio há dois anos e cá está. “A senhora apanhou uma pneumonia; quando estava a recuperar, apanhou o paludismo. A mulher morreu e a filha deixou de poder ver São Tomé”...

Está bom de ver. José decidiu tomar as rédeas ao restaurante. “Mas é uma dor de cabeça enorme. É a mercearia, o abastecimento. Há oscilações nos preços todo o dia. E a luz é uma brincadeira. Falha muito. Às vezes, falha das cinco da tarde à meia-noite. É preciso gerador



➔ Onde fica

São Tomé
Situada no Golfo da Guiné, a cerca de 400 quilómetros do Gabão, São Tomé e Príncipe compreende duas ilhas: São Tomé e Príncipe. A ilha de São Tomé é a maior, tem 859 km2.

⌄ Quando ir

A melhor altura para visitar São Tomé é na estação seca, conhecida como gravana, correspondente aos meses de Junho, Julho e Agosto. Nesta época, as temperaturas são ligeiramente mais baixas do que no resto do ano. De qualquer modo, qualquer altura é boa para visitar a ilha, faz sempre calor em São Tomé. A temperatura média da água do mar é de 28 graus.

⬆ Como ir

A TAP voa às sextas-feiras, desde Lisboa, para a ilha de São Tomé. Com regresso a cada sábado. Cuidado que, apesar do voo ser no sábado, o check in faz-se à sexta-feira, a partir das 19h00. Prepare-se para a fila.

⌘ Onde comer

Em São Tomé há os restaurantes dos hotéis – o **Phénicia** (Rua de Angola), **Marlin Beach** (Praia do Lagarto), o **Miramar** (Marginal 12 de Julho), o **Club Santana** (Santana), o **Rocha de São João** (São Tomé de Angolares). E há alguns restaurantes autónomos, como o **Al-Gharb** (Campo de Milho). Prepare-se para encontrar preços muito semelhantes aos portugueses nestes estabelecimentos frequentados pela elite de São Tomé e por turistas. Também há restaurantes frequentados pela população de São Tomé. Encontra estes estabelecimentos, instalados em casas de madeira sobre estacas, em qualquer terra. Apesar da evidente precariedade, têm um sabor bem mais genuíno. Experimente, por exemplo, o **Santola**, no centro da cidade das Neves.

⌄ O que comer

Há uma infinidade de espécies de peixes que não existem em Portugal e que ali se encontram em abundância. Prove-os – grelhados ou fritos. Outras especialidades a não perder são a fruta-pão e a de farinha de mandioca.

★ Onde ficar

- Hotel Miramar**
Av. 12 de Junho, CP 69
Tel. 00239225011
- Hotel Marlin Beach**
Praia do Lagarto, CP 463
Tel. 00239222350
- Club Santana**
Baía de Santana
Tel. 002391222023
- Hotel Phénicia**
Rua de Angola
Tel. 00239224202
- Rocha São João**
Angolares
Tel. 00239225135

e esta deve ser a electricidade mais cara do mundo! É aos quatro e cinco milhões de dobras por mês e é gerador atrás de gerador!”

Negócios à parte, Eliseu dorme sentado na cadeira, com os auscultadores sempre postos, e José apregoa a ilha. “Vai ver coisas lindas. Isto é muito superior ao Algarve. A paisagem, as praias, lindo, lindo!”. Não fosse a miséria que consome tantos, “isto podia ser o paraíso!”

Primeiros banhos

A cidade de São Tomé fica para trás. O jipe avança em direcção a norte. Duas miúdas – de cinco e sete anos – lavam roupa num poço com sabão azul. Esticam as peças nas pedras da praia, a secar. Depois dos hotéis, a estrada convida ao solavanco. Porcos, galinhas, cães obrigam a abrandar a marcha junto a casas sobre estacas, de cores garridas. Entre elas, botequins de madeira, com petiscos e bebidas. Por cima delas, pássaros com nomes estranhos.

Primeira paragem turística: praia das Conchas, recanto demasiado idílico para existir fora de um postal. Cinco minutos a absorver o mar cáldio e intensamente azul. O silêncio rompe-se de repente. Edna e Eddy abordam os forasteiros, a rir, a dar cambalhotas na areia macia. Ela tem cinco anos, está “quase a ficar mulher grande”, e ele quatro. A mãe ficou a lavar roupa na ribeira, os miúdos vieram ver o que havia. “Lapiseira para ir para a escola?”, pergunta ela.

Segunda paragem turística: Lagoa Azul. Talvez pela fama, esta singular praia concentra alguns turistas. Há meia dúzia de homens e mulheres muito brancos sob os embondeiros ou sobre as rochas vulcânicas que deixam os pés tingidos de preto. Mais um mergulho em águas cristalinas...

Santola em Neves

Foi a primeira a nascer depois da descoberta da ilha, atribuída a João de Santarém e a Pêro Escobar. Não é uma cidade no sentido europeu do termo. Cidade, cidade, só São Tomé, com o seu edificado colonial, para onde marcham muitos homens e mulheres bem cedo. Os tais homens e mulheres que vendem legumes, fruta, peixe seco, que vendem bolachas, doces, que vendem lápis, isqueiros, que vendem refrescos, vinho de palma, que vendem roupas, calçado...

Mas esta é a cidade das Neves. É a cidade das Neves é conhecida no arquipélago pela sua actividade “industrial e piscatória”, terra natal da única fábrica de cerveja do país, a Creoula. Mete-se pelos arruamentos de terra batida até um “restaurante típico”. Vai uma santola? “A santola da ilha é tão boa! Sempre fresca”, suspira Eliseu. Faça-se a sua vontade.

A santola está a 70 dobras ao quilo (cinco euros). Parecem acabadas de apanhar. E Eliseu dir-se-ia faminto. Quase nem fala, chupa os dedos. As mesas e as cadeiras são da Super-Bock, o relógio da Sagres, mas pede-se uma Creoula fresca, como não podia deixar de ser.

Jovens rapazes e raparigas petiscam e namoram na sombra do restaurante. Lá fora reina a alegria. Numa espécie de praça, actua o Grupo Quente. Mulheres, homens e crianças dançam ou vêem dançar. Uma aproximação bamboleança faz rir uma idosa: “Branca quer dançar!”.

Os traumas

Em Anambó ergue-se o padrão que assinala o local onde terão desembarcado os primeiros portugueses. Um grupo de jovens forma um círculo, joga à bola. Nove putos sem



PROPOSTAS

Por 797 euros
Preço: passagem aérea Lisboa-São Tomé-Lisboa e sete noites de alojamento em hotel com pequeno-almoço a partir de 797 euros, por pessoa em quarto duplo. Partidas de 3 de Novembro a 15 de Dezembro.

Contacto: Terra África (www.terrafrica.pt)

Por 619 euros
Preço: avião à saída de Lisboa, estadia de sete noites em São Tomé em regime de pequeno-almoço a partir de 619 euros. Possível extensão de três noites ao ilhéu das Rolas em regime de meia pensão desde 263 euros e ao ilhéu Bom Bom com pensão completa a partir de 684 euros. Válido até Outubro.

Contacto: Agência Abreu. (www.abreu.pt)





camisa, um no meio os outros em torno. O do meio tenta tirar a bola aos outros; quando consegue, quem perdeu a bola passa para o centro. Que jogo é este? “Jogo de rua”, sorriem os rapazes.

A estrada termina uns quilómetros à frente, junto à vila piscatória de Santa Catarina. Não há estrada que permita contornar a ilha (60 por cento da ilha fica mesmo fora do alcance de qualquer carro). Para lá de Santa Catarina, a via de terra batida penetra na selva e há pontes caídas.

A pequena aldeia faz fronteira com uma plantação de cacau com o mesmo nome. Em cima da ponte, a última ponte, alguém se deixa deslumbrar com a azáfama do riacho e percebe que se esqueceu da máquina fotográfica lá atrás. Há que confiar na sorte, tornar a Anambó...

Os miúdos do Anambó conduzem os forasteiros por uma estrada de terra que passa perto d'lar de uma numerosa família. Acto imediato, um miúdo corre a devolver a máquina. O pai sai de casa afoito, quer agradecer o facto de não se ter batido no seu filho.... O velho, desdentado, sem camisa, tem uma justificação para tão estranho agradecimento. Cresceu numa roça, carrega as marcas da era colonial. “Batiam por nada”. E o filho chegara minutos antes, carregando a máquina alheia até dentro de casa, dizendo: “Guarda que o dono vai aparecer!”

Pouca informação

Choveu muito durante a noite. Há dois barcos encalhados na baía de Ana de Chaves, mesmo junto ao Forte de São Sebastião, que acolhe o Museu Nacional de São Tomé e Príncipe. Lá para o Sul, uma família ficou sem tecto. Homens deixam-se estar, horas a fio, a olhar os barcos.

Com parcos meios, o Museu Nacional narra a história do arquipélago: o povoamento feito com escravos de diversas proveniências, as relações feudais impostas pelos colonos no tempo das roças, as lutas independentistas, a chacinha de Batapá... Pede-se-lhe dicas sobre a actualidade, mas sobre isso o guia não se pronuncia. Só tem um jornal de há dois meses...

A Rádio Nacional mal fala na tempestade, concentrada no seu interminável obituário. E, à noite, o noticiário da televisão nacional vai pelo mesmo caminho. Deixa o mau tempo para o dia seguinte – os barcos encalhados e a família que perdeu a casa. E é Fevereiro de 2006 e a ilha ressurte-se de um surto de cólera. A rádio BB (boca a boca) vai dando conta das infecções.

A BB transporta histórias incríveis de boca a orelha. Mas por vezes



encontra eco na imprensa nacional em dramas como a de Jordiney, filho de Guiné, residente na praia de Lochinga, perto do aeroporto. O pequeno Jordiney foi à escola, como é seu dever, mas quando regressou à casa de madeira sob estacas doía-lhe o estômago. A mãe fora ao mercado e ao regressar encontrou-o no chão, a vomitar, torcido como um gato. Cólera. Como diz Eliseu, já bastava a malária, praga que vai cobrando o seu quinhão a cada família...

Subir ao Bom Sucesso

Que dizer de Trindade, pequena cidade no interior da ilha, a segunda mais populosa de São Tomé? Ainda ali existe a antiga casa do governador e é ali que mora a favorita tia de Eliseu. Melhor será falar na cascata de São Nicolau, que desce da montanha coberta de vegetação. É o cabo dos trabalhos para lá chegar. Mas o percurso, delírio para amantes do todo-o-terreno, leva ao deslumbre. É a luxúria de Obó, floresta são-tomense classificada como parque natural.

Na estrada esburacada, pode haver paus e pedras para afastar. Sem medos, de olhos bem abertos para apreciar a opulência da paisagem, a frenética transmutação das cores. Até ao Jardim Botânico do Bom Sucesso. Bom Sucesso fica “no meio

da ilha mesmo”, a 1115 metros de altitude.

“Eu sozinho estou a aguentar”, sorri o guarda, Lagoa Álvaro. Eucalipto, bico-de-papagaio (fêmea e macho), rosas de porcelana, safu, bigónia-gigante, pau-de-cabinda, café arábico, quina... “A cologa às vezes vem. Dois vezes por semana, para apoiar”. De resto é só o magro Lagoa Álvaro, a natureza e uns escassos estrangeiros com vontade de “saber de plantas”.

“Era uma roça, há muitos anos. Agora, esta parte é Parque Natural Obó, é da Ecofac (organização não governamental que tem por missão garantir a conservação e a utilização racional dos recursos da floresta equatorial), a outra parte é dos camponeses. “Vêm aqui 700 pessoas por ano. Também tem quartos. Às vezes, ficam a 10 dólares por noite. Fazem comida aqui ou trazem comida pronta e fazem passeios a pé”, desfia o guarda, dentro das suas galochas negras e das suas roupas rotas. Vão até à lagoa Amélia, cratera vulcânica com mais de cinco mil anos, coberta de vegetação. É uma diversão.

Lagoa Álvaro gosta destas quebras de solidão. A família mora lá em baixo, na aldeia de Monte Café. Lá em baixo é 756 metros de altitude. Lá em baixo, a família aninha-se numa casa de duas divisões, como é comum em São Tomé. Há uma

torneira para a aldeia toda e poucos têm electricidade. Televisão só em casa de uma vizinha, a quem só falta cobrar bilhete.

Os edifícios principais da velha roça Monte Café, uma das principais unidades agrícolas do distrito, virada para a produção de café arábico, ficam mais ou menos perto. É lá que estudam as crianças da aldeia. O pequeno Eliseu, de 12 anos, andou aqui até ao 5.º ano e ainda por cá aparece de quando em quando para umas aulas de um “curso” de turismo que anda a tirar. Não quis esperar mais para iniciar a profissão que, “com ou sem mais estudos”, será sua.

Percurso para sul

É no Sul que moram algumas das melhores praias da ilha. Como a praia das Sete Ondas, pouco depois da afamada Boca do Inferno, fascinante pela forma como o mar ali esbate contra a cavidade das rochas. E é no Sul que se ergue Santana, capital do distrito de Cangalo.

Estradas piores, a mesma miséria a deambular pelas ruas, a mesma exuberância paisagística a ladeá-las. Até à turística roça de São João de Angolares, onde o anfitrião João Carlos Silva discursa para os clientes.

Na roça, João Carlos Silva fala no paraíso, na pobreza, no subdesen-

ALGUMAS DICAS

Antes de partir, vá à consulta do viajante. Não pode entrar em São Tomé sem a vacina da febre amarela. Sem tal carimbo no boletim de vacinas nem lhe passam visto. É aconselhável também fazer a profilaxia da malária – o paludismo é uma das doenças mais preocupantes da ilha.

Na bagagem, não se esqueça do repelente de insecto, nem do protector solar. Se usa máquina fotográfica analógica, leve rolos.

Na ilha, consuma só água engarrafada. Se decidir alugar um carro, opte por um jipe. Muitos dos locais que, por certo, quererá visitar obrigam a percorrer estradas e estradinhas esburacadas.



Cais junto ao Forte de São Sebastião, na cidade de São Tomé



Até ao fim

Prosseguindo a estrada, Ribeira de Peixe, onde se ergue o pico do Cão Grande, que brota a 663 metros acima da selva equatorial, uma referência na paisagem do arquipélago. Um pouco para a frente, Porto Alegre, onde muitos europeus embarcam para o ilhéu das Rolas.

A roça colonial de Porto Alegre está em ruínas como muitas outras ao longo da ilha. Mete-se pela estrada de terra batida, enquanto a há. Selva tropical sem feras (o único bicho que mete medo é a cobra-preta).

Avistam-se tubérculos apetitosos, como a mandioca e a matabela. Frutos enormes como a jaca, a fruta-pão, a papaia. As bananeiras parecem instalar-se sozinhas onde lhes apetece. Banana-prata, banana-ouro, banana-maçã, banana-pão. E eis umas quantas praias desertas, de sonho.

Vai uma soneca na areia? De rompante, bate na memória o tio de João Carlos Silva, enfermeiro e curandeiro que chegou com uma estranha garrafa na mão – um remédio afrodisíaco, “tira e queda”, como qualquer afrodisíaco preparado na ilha. E logo a esguia Esmeralda e as suas amigas e amigos, numa abafada casa do centro da cidade, a ensaiar dança congo, dança guerreira de Quiná. E, por fim, a rapariga de 14 anos que, no bar do hotel Phenícia, se despedia do marinheiro espanhol com quem viveu um romance bem pago.

Amanhã, jantar no Teia de Arte, a única galeria do país, situada bem no coração da capital. Às sextas-feiras, véspera de voo para Portugal, o lugar converte-se em restaurante com música ao vivo. Noutro lugar a não perder por quem quer saborear as receitas de João Carlos Silva, ver obras de artistas são-tomenses e dar um pé de dança. Tchaué, que é como quem diz, adeus. Ou até já. ©

volvimento. E os presentes bebem cada palavra sua – cada palavra do apresentador de *Na Roça com os Tachos*, sucesso televisivo no qual João Carlos apresenta saborosas receitas enquanto fala na riqueza cultural e paisagística da sua terra. Vieram do ilhéu das Rolas, pararam ali para almoçar.

Lá em baixo, a “cidade” de São João de Angolares, onde Amador foi rei, terra de escravos angolanos que naufragaram na zona sul da ilha. Lá em baixo, pescadores robustos. Lá em baixo pinta João Carlos Nezó, que já expôs em Paris, Lisboa, Lagos, Luanda, obras contemporâneas com maturidade. Nezó também é cantor. É o vocalista do Grupo Tempo.

Em São João de Angolares, só há electricidade das 17h00 às 24h00. Está na hora do almoço, Nezó não pode ligar o leitor de CD e ouvir as suas músicas. Dirige-se ao velho carro, estacionado em frente a casa, mete o CD na aparelhagem. Fica ali a ouvir, apesar do calor.

Os Tempo cantam em angolar e em forro, os dois crioulos de São Tomé. Não fazem música de intervenção social, as suas letras falam de amor, da história de São Tomé. Exibem dois álbuns (2000 e 2005), que não se conseguem comprar em São Tomé. O grupo aposta no público português e francês. “Os são-tomenses não gostam dessa música, não têm o ouvido educado”, lamenta Nezó.

Na roça

Visitantes dispostos a prescindir de luxos como casa de banho privativa e ar condicionado aterram na Roça de São João. Boa comida, boa conversa, boa vista, boa experiência. Ficar aqui é mais do que dormir. Projecto integrado, a Roça de São João concilia a preservação ambiental com a educação, eventos artísticos com turismo. Há *atelier* de pintura, de teatro, sala de exposições e até aulas de alfabetização de adultos, crianças que entoam canções à tarde.

Ao final do dia, o professor Hélder começa a aula de alfabetização de adultos. São 15 alunos. Hoje estão quatro adultos e um menor. A roça dá as instalações, o Brasil paga o professor, que é também o professor da escola oficial de Angolares. Hoje, a aula inclui o texto *A história de Abel*, um homem que está contente por ir para a alfabetização. Grande complicação.

Há uma pequena biblioteca de quatro estantes e um quadro negro. Chegam mais dois alunos: “Dá licença? Boa noite”. Para explicar a importância da aula, o professor dá o exemplo da lista de compras: “Não sabe ler, tem de pôr tudo na cabeça”.

“Mónico compra quatro laranjas e o senhor Damin dá-lhe duas, vamos armar conta: 4+2”, diz Hélder. “Isso é 42”, retorque um aluno. “Não, isso é as quatro laranjas que o Mónico comprou mais as duas que o senhor

Damin deu ao Mónico”, explica o docente. “É melhor errar do que não aprender.”

À noite é aquele céu africano – com estrelas que não acabam – e aquele silêncio denso, só interrompido pelos pássaros. Tudo isto depois de uma deliciosa comida confeccionada por João Carlos Silva e antes de adormecer no casarão senhorial feito de madeiras com nomes como gogó e marapião. Como vai a vida? “Lé-vi-lévi”, como responderia qualquer são-tomense.

VIVER A VIDA EM ALBUFEIRA

★★★★ ADRIANA BEACH CLUB - Tel. 289540100

adrianaclub@grupofbarata.com

★★★★ AQUAMARINA BEACH CLUB - Tel. 289510740

aquamarina@grupofbarata.com

Rocha Baixinha - Sobre as Praias da Falésia e dos Tomates



Promoção até final de Setembro: Fique 7 noites e pague 6!
Desconto especial para crianças até 6 anos no quarto dos Pais
www.grupofbarata.com